

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

DEBORA NOEMI PEREIRA PEREIRA

**ÂNCORAS DE MEMÓRIAS: CULTURA MATERIAL E VALOR
SIMBÓLICO NA REGIÃO SUL-FRONTEIRIÇA NO SÉCULO XXI.**

JAGUARÃO

2015

DEBORA NOEMI PEREIRA PEREIRA

**ÂNCORAS DE MEMÓRIAS: CULTURA MATERIAL E VALOR
SIMBÓLICO NA REGIÃO SUL-FRONTEIRIÇA NO SÉCULO XXI.**

Monografia apresentada ao Curso de História –
Licenciatura Integral – da Universidade Federal do
Pampa – Campus Jaguarão, como requisito parcial para
obtenção do Título de Graduado em História.

Orientador: Ms. Edison Bisso Cruxen

JAGUARÃO

2015

DEBORA NOEMI PEREIRA PEREIRA

**ÂNCORAS DE MEMÓRIAS: CULTURA MATERIAL E VALOR
SIMBÓLICO NA REGIÃO SUL-FRONTEIRIÇA NO SÉCULO XXI.**

Monografia apresentada ao Curso de História – Licenciatura Integral – da Universidade Federal do Pampa – Campus Jaguarão, como requisito parcial para obtenção do Título de Graduado em História.

Orientador: Ms. Edison Bisso Cruxen

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: dia, mês e ano.

Banca examinadora:

Prof. Ms. Edison Bisso Cruxen

Orientador

UNIPAMPA

Prof. Dr.^a Letícia de Faria Ferreira - UNIPAMPA

Prof. Dr.^a Susana Cesco - UNIPAMPA

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso aos
meus pais e irmãos, pelo amor, apoio, carinho e
dedicação que foram de suma importância para a
elaboração do mesmo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Deus por ter me dado força e ânimo, sem nunca me abandonar, possibilitando que mesmo distante de casa, eu encontrasse um lar e pessoas maravilhosas. Agradeço à Ele por todas as vitórias e inclusive derrotas que encontrei ao longo destes quatro anos, pois também foram elas que possibilitaram aprendizagens e crescimentos.

Agradeço à minha família que sempre se fez presente em todos os momentos, demonstrando que para a cumplicidade e amor não há distância alguma que interfira e nos separe. Aos meus pais Tania Graciela P. Pereira e Roberto Valério Pereira pela confiança, inspiração e paciência, pois não foram poucos os momentos em que a saudade nos preencheu. Aos meus irmãos Sibele, Fabricio e Bárbara, agradeço pelo amor e pela fé que mantiveram em mim, durante essa caminhada. Sou grata por todos os momentos, principalmente pelas ligações e risadas que muito me mantiveram firme em pé. À Bárbara, agradeço enormemente pelo apoio e paciência, principalmente durante minhas noites de insônia.

Aos meus colegas, agradeço pelo companheirismo e união. Quanto àqueles que se tornaram amigos, como Eva Karoline B. Vieira, Eleandro Viana, Alzemiro Gonçalves e Toni Arismendi, agradeço enormemente pela atenção, carinho e disposição. Agradeço à Daniele Tramanzoli, Rosana Serpa e Zilma Martins pela confiança e disponibilidade para serem minhas entrevistadas. Com amor agradeço também à minha namorada Narieli M. Nunes, pelo companheirismo e carinho, fosse em momentos felizes ou nas madrugadas de insônia devido à esta pesquisa.

À Mariza Flores Bom, Zilma Martins e Jaci Mendes, agradeço com muito amor e saudade, pois foram tais mulheres que me acolheram, feito mães cuidaram, apoiaram e me fortaleceram. Não me esquecerei de quando me chamavam por “filha”, tantas vezes pronunciadas pelas três e com muito amor. Vocês me inseriram em suas vidas e me adotaram, sem nunca me desamparar. De coração, eu amo vocês e sentirei muitas saudades.

E, finalmente agradeço ao meu conterrâneo e orientador Edison Cruxen pela disponibilidade, paciência e encorajamento. Obrigada por ter acreditado em meus devaneios e deles ter me sugerido caminhos a percorrer.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo analisar as relações estabelecidas entre alguns indivíduos e seus objetos pessoais, sendo estes herdados ou repassados de familiares ou amigos que já faleceram ou se ausentaram. Tal trabalho será dividido em três blocos: O primeiro irá expor as noções teóricas acerca dos conceitos de *cultura, cultura material, representações, sensibilidades e memória*, encontradas com maior decorrência no viés da História Cultural. O segundo capítulo abordará a escolha metodológica e reflexão acerca da mesma, repensando a utilização de entrevistas e o termo *história oral*. O terceiro capítulo é a soma dos dois primeiros, onde será inicialmente apresentada uma breve análise sobre o Homem de Neandertal e sua relação com a cultura material e posteriormente serão expostas situações atuais que demonstrem as relações entre os homens e o simbolismo atribuído a cultura material, a partir da análise das entrevistas realizadas.

Palavras-chave: Cultura material, representação, sensibilidade, simbolismo, memória.

RESUMEN

El presente Trabajo de Conclusión de Curso (TCC) tiene como objetivo analizar las relaciones entre algunos individuos y sus pertenencias personales, que se heredan o transmiten a los familiares o amigos que han muerto o estaban ausentes. Este trabajo se divide en tres partes: la primera se expondrán las nociones teóricas sobre los conceptos de cultura, la cultura material, las representaciones, las sensibilidades y la memoria, que se encuentra más debido al sesgo de Historia Cultural. El segundo capítulo se abordará la elección metodológica y la reflexión sobre el mismo, repensar el uso de entrevistas y el término de la historia oral. El tercer capítulo es la suma de los dos primeros, que se presentó inicialmente un breve análisis del Hombre de Neanderthal y su relación con la cultura material y posteriormente se expone situaciones actuales que demuestran la relación entre los hombres y el simbolismo atribuido a la cultura material, a partir del análisis de las entrevistas.

Palabras clave: cultura material, representación, sensibilidad, simbolismo, memoria.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. NOÇÕES OU CONCEITOS?.....	12
1.1. Cultura material e imaterial.....	12
1.2. Sensibilidades e representações.....	16
1.3. Memórias.....	19
2. METODOLOGIAS.....	24
2.1. Apresentando e definindo recursos metodológicos.....	24
2.2. Reflexão acerca das escolhas metodológicas.....	27
3. DIMENSÕES SIMBÓLICAS.....	30
3.1. Âncoras de memórias.....	31
3.2. Entrevistas.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

INTRODUÇÃO

No presente trabalho me proponho refletir sobre a relação entre cultura material, história e memórias individuais, tendo por base uma estrutura narrativa e analítica, sobre as relações entre sujeitos e seus objetos, semelhante à desenvolvida no capítulo *A vida social das coisas: roupas, memória e dor*, de Peter Stallybrass, no livro *O casaco de Marx* (2008). No que se refere as noções de cultura material, sensibilidades e memórias, buscarei compreender melhor as seguintes questões: Qual a importância da dimensão simbólica da cultura material em nossa sociedade? Quando objetos se tornam âncoras de memórias, estes devem ser preservados, devido seu valor simbólico ou devem ser incluídos no dia-a-dia, para reforçar a memória? Guardá-los em memória ou usá-los pela memória? Através da análise de estudos de caso, tendo por base entrevistas, buscarei estabelecer relações entre memória/esquecimento, sentimento de perda e cultura material (herdada ou repassada pelos indivíduos ausentes).

No início de 2014 ganhei alguns objetos: livros, uma máquina de escrever, uma cuia e bomba de chimarrão. Todos eles compõem não somente meu dia-a-dia, mas também minha identidade – que conforme Donizete Rodrigues (2013) se constrói a partir da “realidade quotidiana, feita de trocas reais e simbólicas” entre os sujeitos (MAALOUF, 1998 apud RODRIGUES, 2013, p. 03), minhas características gerais e costumes. Para quem está a olhar de “fora” podem não parecer importantes, podem ser vistos apenas como coisas velhas, mas para mim são únicas, como afirma Sandra Nogueira, ao interpretar as palavras de Anna Ostrowska:

Anna Ostrowska diz, ser óbvio o *poder* ou a força dos objectos na mobilização da memória cultural. Por isso existem correlações estreitas entre os objectos e a mudança ou afirmação do *Eu*. Se por um lado determinado objecto nos proporciona sensações agradáveis e de continuidade ou permanência de algo que nos é muito querido, por outro lado, a destruição do objecto com essa forte carga simbólica, pode também funcionar como meio de mudança de parte da nossa identidade. (NOGUEIRA, 2002, p. 03)

Quanto à sociedade contemporânea, devido a novos estudos e perspectivas históricas – a partir da Escola dos Annales, 1929 –, percebe-se que o homem comum, passa a participar e constituir a História cada vez mais, e não somente grandes homens, como presidentes e militares. Conforme apresenta Roche:

A lição dos *Annales* foi compreendida. Os historiadores procuraram avaliar o peso real do cotidiano e tentaram dar uma história ao que parecia não possuir uma: vida material e comportamentos biológicos, história da alimentação, história do consumo alimentar e de vestimentas, história das enfermidades. [...] eles acentuaram a observação das práticas e dos gestos individuais e coletivos, as indagações sobre a memória, a transmissão, a mudança de atitudes e dos hábitos, do que reúne ou do que opõe por meio do *habitus* (P. Bourdieu) ou das lógicas de situação (K. Popper). (ROCHE, 2000, p. 16)

Os objetos além de suporte nos dão certa “humanidade”. O uso e desgaste dos mesmos, além da memória intrínseca através das representações que constituímos a partir deles e expressões de sensibilidade são as provas de que as pessoas realmente existiram e existem. Partindo do princípio de que a memória é seletiva/excludente e que ela se desgasta se reformando e agregando informações muitas vezes não relacionadas ao sujeito, é possível atribuir não somente memórias do uso dos objetos e de pessoas relacionadas diretamente à cultura material, mas também de sujeitos que se quer estiveram envolvidos no ato de dar ou receber estes objetos.

Como exemplo do exposto acima, posso apresentar uma experiência pessoal, relacionada à cuia e bomba que ganhei de minha irmã mais velha. O hábito de tomar mate – ou chimarrão – foi passado a minha família por meu pai, mas embora tenha recebido a cuida e a bomba de minha irmã, tais objetos representam meu pai, devido à influência que teve (tem) nesta parte de minha identidade. Conforme Donizete Rodrigues (2013, p. 03), a identidade pode ser reinventada, devido a sua mutabilidade e subjetividade. Mesmo meu pai não tendo relação direta com esses artefatos, eles nos ligam devido às memórias que possuo e a herança cultural repassada dentro do núcleo familiar. Em uma situação, onde, atualmente nos encontramos separados, sinto que a cuia e a bomba são mais do que objetos para um costumeiro hábito “gaúcho”.

Como apresenta Nogueira “os objectos «jogam» também com o tempo [...] porque se transmite de geração em geração e, portanto a característica emocional trespassa a fronteira temporal.” (NOGUEIRA, 2002, p. 09). E, sejam únicos ou não, nenhum segmento da cultura material deve ser isolado do seu contexto, pois, se trata de um fragmento do “todo” (LEMOS, 2000, p. 11). Este “todo” relacionará a cultura material com a memória, as representações percebidas e sensibilidades resultantes dos sujeitos.

Embora seja relevante a utilidade imediata da cultura material ou sua durabilidade, muitas vezes em situações como as que buscarei abordar, tais artefatos têm seus significados

transformados. As pessoas manipulam a cultura material, agregam simbolismos e deixam marcas. Aquele objeto que é herdado ou repassado a alguém não necessariamente será utilizado pelo novo portador da mesma forma que seu antigo dono. É clara a importância das representações atribuídas pelos novos portadores aos artefatos herdados, pois daquelas dependerá se estes serão utilizados ou descartados com seu tempo de vida útil ou não. (LEMOS, 2000)

1. NOÇÕES OU CONCEITOS?

Devido à variabilidade e a capacidade de transformação de significados e aplicações de conceitos, serão utilizadas noções acerca dos mesmos. O próprio termo “cultura” é polissêmico e a partir dele se desenvolvem inúmeras noções. Outro exemplo de conceito que tem suas variabilidades é o de memória, que tanto pode abranger memórias individuais, como coletivas, relacionando-as ou não, com o esquecimento e outros fatores. Logo, neste capítulo serão expostas noções acerca de alguns conceitos, servindo como “luz” para pensar e realizar esta pesquisa, sem a pretensão de fechá-los.

1.1. Cultura material e imaterial

A noção de cultura tem se transformado nos últimos séculos. Conforme José Luiz dos Santos (2006), o termo “cultura” – proveniente do latim, *colere*, ‘cultivar’ – e seu significado original remetiam às práticas agrícolas. Ainda,

Pensadores romanos antigos ampliaram esse significado e a usaram para se referir ao refinamento pessoal, e isso está presente na expressão cultura da alma. Como sinônimo de refinamento, sofisticação pessoal, educação elaborada de uma pessoa, cultura foi usada constantemente desde então e é até hoje. (SANTOS, J., 2006, p. 27)

Logo, desde suas origens, o termo cultura foi utilizado e transformado com distintas finalidades principalmente ligadas ao mundo elitista. A partir do século XX, novas redefinições e abordagens sobre cultura surgiram em comparação com o século XIX, quando não somente caracteres da elite se tornaram passíveis de análise, mas outras dimensões da sociedade – como o cotidiano comum – foram também inclusas em estudos e pesquisas, como apresenta José D’Assunção Barros (2003).

Atualmente tem-se que “[...] cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos.” (SANTOS, J. 2006, p. 08) Ou seja, todos os homens – de elite ou não – têm, constituem e reproduzem cultura. Quanto ao mundo contemporâneo, a noção de cultura, devido a sua maleabilidade, possui suas próprias características, distinguindo-se de situação e sentidos:

Vejamos alguns desses sentidos comuns. Cultura está muito associada a estudo, educação, formação escolar. Por vezes se fala de cultura para se referir unicamente às manifestações artísticas, como o teatro, a música, a pintura, a escultura. Outras vezes, ao se falar na cultura da nossa época ela é quase identificada com os meios de comunicação de massa, tais como o rádio, o cinema e televisão. Ou então cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida a seu idioma. A lista pode ser ampliada. (SANTOS, J., 2006, p. 21-22)

Dentre tais abordagens é possível distinguir duas concepções. A primeira retoma aspectos sociais da realidade, como por exemplo, abranger características de agrupamentos humanos. Quanto à segunda, esta se refere ao mundo do conhecimento abstrato, das ideias e crenças. Contudo, é ressaltado que tais abordagens podem sugerir que ‘cultura’ seja uma realidade estanque, entretanto, as culturas são dinâmicas. (SANTOS, J., 2006)

Assim sendo, a noção de cultura está longe de ser delimitada, devido a sua expansão e maleabilidade. Todavia, Hilário Franco Junior (2001) lança pistas acerca de tal noção:

[...] tudo aquilo que o homem encontra fora da natureza ao nascer, tudo que foi criado, consciente e inconscientemente, para se relacionar com outros homens (idiomas, instituições, normas), com o meio físico (vestes, moradias, ferramentas), como mundo extra-humano (orações, rituais, símbolos). Esse relacionamento tem caráter variado, podendo ser de expressão de sentimentos (literatura, arte), de domínio social (ideologias*), de controle sobre a natureza (técnicas), de busca de compreensão do universo (filosofia, teologia). Obviamente, todas essas formas se imbricam, se explicam, se reproduzem, se alteram. Constitui um todo, uma globalidade, cada uma delas só ganhando sentido em função das outras, em função do conjunto. Cultura, portanto, é exatamente esse completo, e não uma ou outra de suas manifestações isoladamente. Mas esse conjunto não é monolítico [...] (FRANCO JUNIOR, 2001, pág 138)

Dentro da perspectiva de Franco Jr. (2001), pode-se perceber algumas características que remetam à cultura material, como sendo toda representação física do conjunto exemplificado pelo autor, como os objetos (vestes, ferramentas, etc). Levando em consideração a relatividade e diversidade de possibilidades de definições da noção de cultura material, me aproximo de algumas pistas lançadas por Ulpiano Bezerra Meneses (1983):

Por cultura material poderíamos entender aquele segmento do meio físico que é socialmente apropriado pelo homem. Por apropriação social convém pressupor que o homem intervém, modela, dá forma a elementos do meio físico, segundo propósitos e normas culturais. Essa ação, portanto, não é aleatória, casual, individual, mas se alinha conforme padrões, entre os quais se incluem os objetivos e projetos. Assim, o conceito pode tanto abranger artefatos, estruturas, modificações da paisagem, como coisas animadas (uma sebe, um animal doméstico), e, também, o próprio corpo, na medida em que ele é passível desse tipo de manipulação (deformações, mutilações,

sinalações) ou, ainda, os seus arranjos espaciais (um desfile militar, uma cerimônia litúrgica). (BEZERRA, 1983, p. 112).

Contudo, deve-se ressaltar que “a cultura material pode ser definida antes de qualquer coisa como a cultura do grosso da população. Quer isto dizer que é aquela que diz respeito à imensa maioria numérica da colectividade estudada”. (BUCAILLE, Richard; PESEZ, Jean-Marie, 1989, p. 13). A perspectiva de Bucaille e Pezes (1983) servirá de base para estabelecer as relações entre a cultura material e os sujeitos entrevistados, pois é a partir de vivências entre individual e o coletivo que ocorre a construção de representações e atribuições à cultura material. Logo, a cultura material pode ser gerada coletivamente, mas também pode ser ressignificada individualmente, devido às variadas representações entre individual e coletivo. Há uma relação entre as representações da cultura material e os eventos do cotidiano, quando ocorre o falecimento de uma esposa e seus pertences são mantidos pelo esposo, estes objetos tem seus significados, usos e representações reinventados, devido as memórias e sensibilidades despertas geradas pela perda.

Acerca dos objetos e sua importância simbólica devido às representações, se sabe que o termo “patrimônio” é utilizado de forma recorrente para lidar com a cultura material e imaterial, contudo este requer apropriação pública e nem sempre isso ocorre, principalmente quando se trata de objetos singulares da vida privada – objetos do cotidiano herdados ou repassados. Por patrimônio, a partir de uma visão antropológica de Donizete Rodrigues (2013, p. 04) entende-se “o conjunto de bens, materiais e imateriais, que são considerados de interesse coletivo, suficientemente relevantes para a percepção no tempo.” Ou seja, a cultura material, a partir de apropriação e utilização pode se tornar patrimônio. Consequentemente, com a capacidade de relembrar ao sujeito o seu passado, o patrimônio é “(...) um testemunho, uma invocação, ou melhor, uma convocação do passado” (MARTINS, 2011 apud RODRIGUES, 2013, p. 04), logo precisa ser preservado às gerações futuras, devido sua significância (LEMOS, 2000).

Ainda sobre apropriação pública, é a partir do patrimônio que identidades são mantidas, como quando se trata de uma identidade nacional ou de grupos menores, como comunidades religiosas, grupos étnicos e famílias. Pois, seja material ou imaterial, o patrimônio reaviva memórias e identidades. Rodrigues (2013), atenta para o fato de que a escolha sobre o que pode ou não se tornar patrimônio ou como preservá-lo é determinação de um grupo e não do coletivo (como um todo), pois se trata de uma construção social. Ou seja, patrimônio geralmente será relacionado ao social, ao público. Contudo, quando se trata de um núcleo

menor, como uma família, há a possibilidade de se construir ou eleger patrimônios “privados”, seja material ou imaterial.

Logo, há maior atenção ao patrimônio coletivo, à cultura material coletiva de grandes grupos. E isso deixa os demais objetos que compõem a vida cotidiana como se não fossem dignos de atenção. Estuda-se o homem como sujeito ativo e passivo na sociedade, seu passado, seu presente e se questionam suas atitudes, pensamentos e memórias, porém há um esquecimento do contexto físico – sua cultura material do cotidiano – e particular que envolve cada sujeito, como se não interferissem em suas atitudes e formação. Logo, me parece que tais relações cotidianas entre homem e cultura material geralmente são deixadas de lado. Concordo com Daniel Roche, ao afirmar que:

Refletir sobre a historicidade do que faz a trama da nossa vida comum não implica um materialismo vulgar, mesmo se, de uma certa forma, se trata realmente de rematerializar os princípios do nosso conhecimento e, desse modo, compreender melhor nossa relação com as coisas, nossa mediação com os objetos e com o mundo. (ROCHE, 2000, p. 11)

Ligados diretamente à cultura material estão os objetos que segundo Abraham Moles (1981) são elementos do mundo exterior fabricados pelo homem, passíveis de manipulação. Moles ainda diferencia objeto de “coisa”:

O objeto, dentro da nossa civilização, é artificial. Não se falaria de uma pedra, de uma rã ou de uma árvore como um objeto, mas como uma coisa. A pedra só se tornará um objeto quando promovido a peso de papéis, e quando munida de uma etiqueta: preço... qualidade... inserindo-a no universo de referência. (MOLES, 1981, p. 26-27)

Todavia, meu enfoque não necessita de atribuições de valores qualitativos ou quantitativos. A cultura material estudada não será tomada pelos valores financeiros atribuídos, mas sim os valores abstratos ligados aos sentimentos e memórias. Não haverá distanciamento entre os valores simbólicos e as memórias dos sujeitos, pois são as memórias que moldam e geram os simbolismos:

Para Bourdieu, o valor simbólico é a construção do sentido da realidade por meio de sistemas simbólicos e símbolos estruturados que permeiam as trocas culturais. [...] Ou seja, a troca de mercadorias que se estabelece nas relações sociais entre os homens está permeada de símbolos e significados. (BRAIT, 2010, p. 36)

Quanto ao caráter “financeiro”, têm-se a prática do consumo dos bens materiais, sejam duráveis – como automóveis –, ou não-duráveis – como a comida e bebida. Dentre eles,

existem os bens simbólicos “que podem ser consumidos simbolicamente a despeito do consumo imediato. Trata-se de uma forma de consumir o que o objeto simboliza [...]” (BRAIT, 2010, p. 26) Tal consumo do “simbólico” geralmente está ligado à demarcação das relações sociais, em busca de prestígio e *status* perante a sociedade. Entretanto, esse simbolismo ligado à ascensão social será posto de lado. Devido ao simbolismo associado às representações, sensibilidades e memórias dos indivíduos, acerca da cultura material herdada ou repassada de outros, estes se tornam “[...] objetos “sem preço”, pois simbolizam relações pessoais e sentimentos tão intensos que nenhum dinheiro pode comprar.” (BRAIT, 2010, p. 32)

1.2. Sensibilidades e representações

Os sentimentos são estados afetivos que englobam prazeres, dores, dentre outras emoções, sendo naturais aos indivíduos e estão diretamente ligados às sensibilidades do homem e podem decorrer das mesmas. Para Sandra Pesavento (2004, p. 56), as sensibilidades manifestam “um núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana no mundo”, ou seja, são resultantes de estímulos internos e externos que partem do íntimo de cada indivíduo, decorrentes das sensações emocionais e subjetividade. Logo, aos indivíduos que mantém laços abstratos de memória ou sentimentos com a cultura material, as sensibilidades são acentuadas.

As sensibilidades se exprimem em atos, ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez, do real e do não-real, do sabido e do desconhecido, do intuído ou pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha experiência real ou comprovada, o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação. (PESAVENTO, 2004, p. 58).

Na presente pesquisa, se encontrarão tanto o material quanto o imaterial (simbólico e concreto). A cultura material, representada pelos objetos (vestígios) que pertenceram aos sujeitos que se ausentaram, estará ligada a esse mundo sensível trabalhado por Pesavento (2004). Em dimensão abstrata, a “experiência sensível” do vivido desses sujeitos será explorada, conforme suas reações frente às representações atribuídas à cultura material.

Conforme Dominique Vieira Coelho dos Santos (2011) a utilização do termo ‘representar’ requer certos cuidados devido à seus variados sentidos dentro da Língua Portuguesa, assim como em outros idiomas, ou seja, se trata de uma expressão maleável. Dentre as variáveis da noção de representação, Roger Chartier (2011) retoma à definições antigas, partindo de um dicionário da língua francesa de 1690, de Furetière:

O primeiro e definido da seguinte maneira: “Representação: imagem que remete a ideia e a memória os objetos ausentes, e que nos apresenta tais como são”. Nesse primeiro sentido, a representação nos permite ver “objeto ausente” (coisa, conceito ou pessoa), substituindo-o por uma “imagem” capaz de representá-lo adequadamente. Representar, portanto, é fazer conhecer as coisas mediataamente pela “pintura de um objeto”, “pelos palavras e gestos”, “por algumas figuras, por algumas marcas” – tais como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias. Representar, no sentido político e jurídico, e também “ocupar o lugar de alguém, ter em mãos sua autoridade”. (CHARTIER, 2011, p. 17)

Deste modo, há a representação que nos remete a algo ou alguém; a representação de alguém por outro alguém ou grupo; além da representação também mencionada por Chartier, como própria da pessoa que se auto representa (se faz presente) e o sentido teatral, de representação como apresentação artística, representação de atores em uma comédia ou tragédia. (CHARTIER, 2011) Outros exemplos de variações do termo são apresentados por Dominique Vieira, desde o período medieval até a atualidade:

Nicola Abbagnano, em seu *Dicionário de Filosofia* (2007), indica que *representação* significa “imagem” ou “ideia” ou ambas as coisas e que este termo foi usado pelos escolásticos para se referir ao conhecimento como “semelhança” do objeto. Guilherme de Ockham distinguiu três significados fundamentais para o termo *representação*, mostra Abbagnano. Em primeiro lugar, a *representação* designa aquilo por meio do qual se conhece algo. Ou seja, o conhecimento é representativo; Em segundo lugar, por *representar* pode-se entender conhecer alguma coisa, após cujo conhecimento conhece-se outra. Neste sentido, a imagem *representa* aquilo de que é imagem. E em terceiro lugar, por *representar* entende-se causar o conhecimento do mesmo modo como o objeto causa o conhecimento. O autor conclui sua reflexão acerca do vocábulo *representação* em Ockham resumindo estas concepções da seguinte forma: no primeiro caso, a *representação* é a ideia no sentido mais geral; no segundo, é a imagem; e no terceiro, é o próprio objeto (Abbagnano, 2007: p. 853 apud VIEIRA, 2011, p. 29).

Segundo Dominique Vieira, “Carlo Ginzburg, seguindo Roger Chartier, destaca a ambiguidade do termo “*representação*”, que ora “faz às vezes da realidade representada”, evocando a ausência; ora a torna visível, sugerindo sua presença.” (VIEIRA, 2011, p. 30). O autor acrescenta que,

Gustavo Blázquez (2000:170) escreve que nos dicionários de língua portuguesa o significado de *representação* é construído em torno de quatro eixos: 1) A *representação* é “o ato ou efeito de tornar presente”, “patentar”, “significar algo ou alguém ausente”; 2) A *representação* é “a imagem ou o desenho que representa um objeto ou um fato”; 3) A *representação* é “a interpretação, ou a performance, através da qual a coisa ausente se apresenta como coisa presente”; 4) A *representação* é “o aparato inerente a um cargo, ao status social”, “a qualidade indispensável ou recomendável que alguém deve ter para exercer esse cargo”; a *representação* também se torna “posição social elevada”. (VIEIRA, 2011, p. 30)

Em tal perspectiva, conforme Sandra Pesavento (2004, p. 40), representar é “estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. [...] substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença.”. Ou seja, pode-se dizer que as sensibilidades dos sujeitos sejam ativadas quando defrontadas com representações sobre a cultura material.

Quando indivíduos encontram objetos que remetem a pessoas ausentes, é por meio das representações abstratas que se estabelece uma relação entre presentes e ausentes, neste momento as sensibilidades e/ou sentimentos são ativados, ocorrendo o que Pesavento chamou de presentificação (PESAVENTO, 2004, p. 40). Assim, quando há a atribuição de representação por alguém sobre algo, como uma echarpe deixada para algum familiar, não é em si a dona da echarpe que é relembrada e que gera sensibilidades, mas sim as representações que o novo portador da peça possuía sobre a dona da echarpe. Logo, não há uma cópia fidedigna do indivíduo, mas a percepção acerca dele.

É através do conjunto de “ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si” (PESAVENTO, 2004, p. 43), que se formula o imaginário. Pesavento retoma que “todos os homens vivem (...) ao mesmo tempo, em um mundo prosaico, das coisas do cotidiano, e em um mundo do fabuloso, do desejo e do sonho.” (PESAVENTO, 2004, p. 47). Esta maleabilidade ligada ao termo *representação* muitas vezes remete a uma dualidade, onde de um lado há o “real” e em outro “a representação abstrata do real”. Vieira aponta para o cuidado que se deve ter ao utilizar o conceito de representação, devido à essa característica, sendo que tanto o “real”, quanto a “representação abstrata do real” dependem um do outro. (VIEIRA, 2011, p. 43)

Independente da ocorrência das relações entre cultura material e sentimentos (sensibilidades) de ausência/dor, a produção de representações sempre irá existir, pois esta não requer unicamente que sejam relações de perda. Ora, é intrínseco ao sujeito sua subjetividade e percepção sobre o mundo que o cerca, sejam boas ou ruins, tristes ou felizes

as relações do homem com os demais, sempre existirão representações a serem construídas e reconstruídas.

1.3. Memórias

A realidade paralela de representações mencionada por Pesavento (2004) constitui um imaginário, que, quando defrontado com a realidade de fato, principalmente a materialidade, só será efetivada graças a memória dos sujeitos, pois é nela que tudo se encontra. A partir de Jacques Le Goff (1924):

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1924, p. 423)

Partindo desta possibilidade de conservar informações e relembrá-las, ligada às situações sociais que pretendo abordar, está a memória – que neste caso será individual, conectada às representações e sensibilidades despertas a partir da cultura material. Serão memórias relacionadas principalmente aos vestígios materiais legados de indivíduos ausentes, esses “rastros” poderão ser ora bons, ora ruins. Por memória individual, têm-se conforme Luana Aparecida Matos Leal:

Considerando primeiramente o caráter psicológico da memória, é automática a ideia de que “lembra” de algo requer a existência de um acontecimento e de um ator. Nessa perspectiva, temos a noção individual de memória, na medida em que entendemos que é preciso haver uma pessoa que participou do fato, seja como ouvinte ou como ator, que se lembre daquele fato e que possa relatá-lo e guardá-lo. Temos então, a noção de memória como faculdade de armazenamento de informações e podemos classificá-la como “memória individual”. (LEAL, 2012, p. 02)

Acerca dessa memória individual, Luzimeire Lima da Silva (2002) em *A questão da memória individual em Retahílas* apresenta um estudo sobre um romance espanhol de Carmen Gaite de 1974, onde os personagens estão intrinsecamente ligados ao conceito de memória. Dois personagens – tia e sobrinho – se encontram em uma casa velha após a morte da avó/bisavó. Neste encontro buscam resgatar suas lembranças individuais, com base nos diálogos sobre memórias do grupo familiar, para confirmar suas hipóteses. Leal (2012) baseada nos estudos de Halbwachs apresenta que:

A memória individual não deixa de existir, mas está enraizada em diferentes contextos, com a presença de diferentes participantes, e isso permite que haja uma transposição da memória de sua natureza pessoal para se converter num conjunto de acontecimentos partilhados por um grupo, passando de uma memória individual para uma memória coletiva. (LEAL, 2012, p. 03)

Outro exemplo é apresentado por Silva (2002), quando a personagem se recorda do velho baú de madeira que a vó trouxera de Madri e que ficaria como herança para ela após sua morte, como “o representante de suas memórias”. Percebe-se aqui outro exemplo, embora este fictício, da relação entre o sujeito, memória e objeto.

Essa necessidade de apoios alheios para recordar acerca de si mesmo ocorre porque “a memória individual é limitada em espaço e tempo” (SILVA, 2002, p. 01), além de ser falha e frágil. A memória sempre é influenciada por nossa cultura e formação. Ainda, pode-se afirmar que “a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências/experiências ocorridas no passado” (KESSEL, 2003, p. 02).

A ligação entre memória individual e coletiva, como a primeira somente ocorrendo graças à segunda, é retomada por Juliana Pinto Carvalhal (2006), ao analisar as ideias de Maurice Halbwachs (2004). Tal autor reitera a necessidade da existência de uma memória coletiva, para que exista a memória individual: “A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo”. (CARVALHAL, 2006).

A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Olhar este, que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios (HALBWACHS, 2004: p.55 apud CARVALHAL, 2006).

Logo, como as memórias se entrelaçam, podemos criar representações acerca de situações que se quer participamos ou existiram, através dessa construção social da memória. Seguindo os pressupostos de Halbwachs (1997), Fernando Catroga (2001, p. 16) atenta para a constituição da memória, quando o sujeito ao fazer sua retrospecção, participa de “vários campos mnésicos”. Ou seja, há tanto a memória individual, quanto coletiva. Catroga afirma que se um indivíduo vivesse isolado, sofreria de amnésia, pois a interação entre memória individual e coletiva é necessária para que o *eu* ganhe consciência de si.

A memória individual é formada pela coexistência, tensional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc.) em

permanente construção devido à incessante mudança do presente em passado e às consequentes alterações ocorridas no campo das *re-presentações* do pretérito. (CATROGA, 2001, p. 16)

Como já mencionado, as representações (Pesavento, 2004) existem em função do mundo real, contudo também podem ser criadas a partir do presente focando o passado. Qualquer acontecimento passado, conforme o contexto do presente e o “olhar” lançado sobre ele, poderá ter suas representações alteradas. Esse “olhar lançado” sobre o passado pode mudar tanto pelas informações adquiridas no presente, como descobertas ou novas reflexões. Isto ocorre não somente sobre os fatos passados, mas também sobre outros aspectos, como a própria cultura material.

A partir de algum acontecimento, por exemplo, o afastamento de alguém querido devido a conflitos e tensões, as representações acerca de um objeto podem ser alteradas. É comum, após algum conflito, o sujeito deparar-se com algum objeto que pertença à pessoa envolvida e querer livrar-se do mesmo, devido às memórias e sensibilidades que são ativadas. Logo, tanto memórias de acontecimentos passados, quanto representações feitas a partir deste passado podem ser alteradas.

Enfim, conforme Catroga (2001, p. 20), a formação de cada *eu* ocorrerá em relação ao meio em que o sujeito esteve e está, além da maneira com que é dada luz à organização do seu passado. O autor menciona a tendência ou possibilidade de alguns sujeitos em, ao narrar seu passado, buscarem manter uma continuidade do seu *eu* em todas as fases da vida. Contudo, apesar de tal característica ser visível, particularmente – quando lanço olhares sobre meu passado –, percebo claramente as mudanças do meu *eu*, tanto nas posições tomadas perante a realidade, quanto sobre as representações e percepções da mesma. Isto pode ser tomado como exemplo pessoal das “alterações ocorridas no campo das *re-presentações* do pretérito” (CATROGA, 2001, p. 16-17), devido às mudanças e necessidades ocorridas no presente.

Ainda correlacionando as representações e a memória, Catroga (2001, p. 22) atenta que, apesar de ambas lidarem com objetos ausentes, enquanto as representações do passado podem ou não terem pontos de referência ou verossimilhança,

[...] o acto de recordar pretende subordinar-se ao princípio da *realidade*, o que exige que as evocações, apesar de se conjugarem no tempo passado (anterioridade), mobilizem argumentos de veridicação, tendo em vista garantir a fidelidade do narrado, mesmo que a sua única fiança seja o juramento do próprio evocador. (CATROGA, 2001, p. 22)

Contudo, apesar de diferenciá-los, a memória gera representações e se utiliza delas. Através do que Catroga (2001) denominou de traço-vestígios, quando estes possuem para o sujeito certo simbolismo e representação, a memória é provocada, caso não exista tal atribuição de valores, não ocorrerá a retomada de lembranças. Tais traços são inseparáveis da memória, dentre eles “linguagem, imagens, relíquias, lugares, escrita, monumentos – e dos ritos que o reproduzem e transmitem; o que mostra que ela nunca se desenvolverá, no interior dos sujeitos, sem suportes materiais, sociais e simbólicos de memórias.” (CATROGA, 2001, p. 23).

Ou seja, a memória pode ser ativada através da cultura material, quando esta possuir ou remeter a um valor simbólico, consequentemente, alguma representação que irá despertar certas sensibilidades no sujeito. Segundo Catroga (2001) não somente a materialidade possui a capacidade de relembrar, mas também os próprios traços-vestígios inscritos na mente, como no caso dos hábitos, costumes e ritos transmitidos.

O “olhar lançado” ao passado parte do presente, embora isso seja corriqueiro, muitas vezes os indivíduos se esquecem que, analisar tal acontecimento passado, agora “com outros olhos”, só ocorre porque se está incluso em outro contexto, outro tempo. Ora, e além de receber influências diretas pelo seu tempo atual, para Márcia Santos (2009, p. 06) “[...] o narrador do presente, já não é mais aquele de que fala a trama, não é a mesma pessoa contada, o personagem, pois a própria narratividade criou esse personagem”. Não é descartável a perspectiva do porvir, quando, ao olharmos certo fato decorrente de outro, logo os relacionamentos e justificamos, esquecendo que, quando algo acontece, no momento do acontecimento, não se sabe o que há de vir anteriormente.

Contudo, essa perspectiva deve ser considerada ao se analisar as memórias de alguém, pois, conforme Santos (2009, p. 03), baseando-se em Paul Ricoeur (1997) é através da narrativa que o sujeito se enxerga, seleciona e exclui fatos e remonta sua história segundo as vivencias do seu presente:

A narrativa autobiográfica pauta-se na relação presente – passado, pois se o primeiro suscita o segundo, o faz com suas impressões, com as experiências que possui, pois é do presente que se lembra, é nele que dado passado é re-composto em narrativa e dado a ler. (SANTOS, 2009, p. 05)

Logo, “a narrativa, assim, se forma como resposta que o narrador dá ao mundo, e em alguns casos, a si mesmos [...]” (SANTOS, 2009, p. 03). Dentro desta seleção/omissão de

memórias há a já mencionada, provável busca pela continuidade do *eu*, onde geralmente o sujeito esquece ou omite certos fatos, para manter, conservar ou justificar o seu *eu atual*. Nesta perspectiva, Fernando Catroga (2001, p. 31) sugere a “existência tanto de futuros para o presente, como, numa atitude justiceira, de futuros para o passado”.

2. METODOLOGIAS

Através de uma seleção de indivíduos e entrevistas realizadas com os mesmos, a partir de análises acompanhadas das noções teóricas já expostas, busquei estabelecer relações entre os indivíduos, o mundo abstrato de representações/sensibilidades e a cultura material.

2.1. Apresentando e definindo recursos metodológicos

Com base nos pressupostos de José Carlos Sebe B. Meihy e Fabíola Holanda (2010) pretendi através das entrevistas, identificar a relação que as pessoas constroem entre a cultura material e a preservação da memória (materialidade como âncora de memórias). Problematicizando as simbologias atribuídas aos objetos, suas dimensões simbólicas, como estas foram atreladas e com que intensidade as sensibilidades são despertas.

Adotei a entrevista como principal procedimento metodológico, devido a aproximação dos indivíduos aos objetivos e conceitos mencionados, abarcando com maior grau a subjetividade e sensibilidade relacionada à cultura material. Pois, Duarte (2004, p. 215) afirma que “entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores [...] em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados”.

Conforme Márcia Tourinho Fraser (2004), a escolha pela entrevista qualitativa favorece ao entrevistador maior compreensão dos simbolismos, valores e vivências pessoais do entrevistado. Fraser (2004) menciona a confiabilidade necessária entre entrevistador e entrevistado, sendo este ativo na pesquisa, recebendo também a “oportunidade de legitimá-la.” (FRASER, 2004, p. 140)

Essa escolha pela entrevista qualitativa, segundo Fraser:

A entrevista na pesquisa qualitativa, ao privilegiar a fala dos atores sociais, permite atingir um nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriada para investigações cujo objetivo é conhecer como as pessoas percebem o mundo. Em outras palavras, a forma específica de conversação que se estabelece em uma entrevista para fins de pesquisa favorece o acesso direto ou indireto às opiniões, às crenças, aos valores e aos significados que as pessoas atribuem a si, aos outros e ao mundo circundante. (FRASER, 2004, p. 140)

Geralmente se tem como contraponto às entrevistas qualitativas as entrevistas quantitativas, esta oposição ou diferenciação é retomada por Fraser. Segundo a autora, as entrevistas quantitativas têm suas abordagens com base “[...] na crença de que o modelo das ciências naturais é pertinente para as ciências sociais [...]” (FRASER, 2004, p. 141) logo, as ações humanas deveriam ser analisadas através de abordagens das ciências naturais. Contudo, Fraser (2004) destaca a diferença entre os objetivos entre ciências sociais e naturais, logo, as entrevistas qualitativas também teriam objetivos distintos que não se efetivariam a partir de outros métodos, afinal, a “ação humana é intencional e reflexiva, cujo significado é apreendido a partir das razões e motivos dos atores sociais inseridos no contexto [...]” (FRASER, 2004, p. 141).

Desta forma, escolhi a utilização de entrevistas qualitativas a serem registradas em um gravador, pois elas possuem a capacidade de abordar o subjetivo, pois como afirma Fraser (2004, p. 142), “[...] a ação humana tem sempre um significado [...]”, este que não pode ser compreendido objetivamente. Por meio destas entrevistas, não buscarei quantificar os resultados, mas compreender as relações particulares vividas entre os sujeitos e suas atribuições à cultura material.

Conforme Meihy e Holanda (2010):

Como procedimento específico, a entrevista em história oral é uma fórmula programada e responde à existência de projetos que a justificam. Convém lembrar que a palavra dita e gravada não existe como fenômeno ou ação isolada. Muito do que é verbalizado ou integrado à oralidade, como gesto, lágrima, riso, silêncios, pausas, interjeições ou mesmo as expressões faciais – que na maioria das vezes não tem registros verbais garantidos em gravações –, pode integrar os discursos que devem ser trabalhados para dar dimensão física ao que foi expresso em uma entrevista de história oral. (MEIHY; HOLANDA, 2010, p. 14)

Por abordar principalmente sobre memórias ligadas ao sentimento de perda, busquei estar atenta às demonstrações físicas dos indivíduos, quando possível assinalando-as em um diário de campo, logo optando pela modalidade de entrevista que Fraser (2004, p. 143) denominou de “face a face”. Nesta modalidade apresentada por Fraser, entrevistador e entrevistado estão aptos a influências verbais e não verbais – como silêncios, variações no tom e volume da voz, movimentações corporais e reações faciais.

Tive como objetivo entrevistar no mínimo três indivíduos, de idades diferentes, estabelecendo acordos sobre as suas identidades (exposição real ou anonimato) e as autorizações para uso do material (anexos A, B e C). Conforme Fraser (2004, p. 147), “o que

importa não é quantos foram entrevistados, mas se os entrevistados foram capazes de trazer conteúdos significativos para a compreensão do tema em questão”, assim, escolhi três indivíduos devido ao curto tempo para elaboração desta pesquisa e também porque, mesmo que estes sujeitos não cedam grande quantidade de informações relevantes, estes poderão ser “o ponto de partida” para posteriores pesquisas.

Também foi acordado com os entrevistados acerca dos lugares para a realização das entrevistas e quanto à transcrição, se será fiel à entrevista, deixando à escolha dos mesmos optar ou não pela correção de possíveis erros da língua portuguesa falada, apresentado aos mesmos à transcrição das entrevistas à divulgação das mesmas.

Conforme Priscila David (2013, p. 161) ao se escolher a utilização de entrevistas é relevante considerar que a pesquisa é construída em conjunto, entre pesquisador e entrevistado. Logo, existindo uma “intersubjetividade, composta por quem testemunha e por quem converte o depoimento oral em escrita.” Nesta perspectiva, David ressalta ao pesquisador a importância do domínio de técnicas de diálogo e a compreensão, dado que é através de um bom diálogo que pesquisador e pesquisado se aproximam, ademais que é por meio da compreensão que o entrevistado “tende a se sentir mais apto à comunicação [...]” (2013, p. 165), pois:

[...] compreender o outro requer a sensibilidade de se colocar em seu lugar, de conhecer seus sentimentos, de averiguar quais os benefícios e malefícios que esse personagem pode sofrer ao descrever sua trajetória de vida. [...] Nenhum personagem irá narrar sua história sem calcular o que esta narrativa poderá trazer de consequências para si, sejam elas negativas ou positivas. (DAVID, 2013, p. 162)

Ao narrar sua história de vida, cada sujeito seleciona fatos com base em suas perspectivas do presente, ele “busca dar sentido à sua trajetória”, através de construção “socialmente apresentada para aquele fim”. É por meio dessa construção que pontos de vista são apresentados e que o sujeito expõe “aos outros um pouco da importância de si para a sociedade.” (DAVID, 2013, p. 163). Assim, é vital que o entrevistador situe seu entrevistado acerca de sua pesquisa e hipóteses, considerando também as possibilidades de percepção e interpretação por parte do entrevistado.

Partindo do pressuposto de Fraser (2004) e David (2013) acerca da subjetividade e sensibilidade por parte do entrevistador, pensei em roteiros de entrevistas semiestruturados que possibilitem o surgimento de novas questões no decorrer de entrevista. Em tais roteiros

busquei “[...] ampliar o papel do entrevistado [...]”, mantendo uma “[...] uma postura de abertura no processo de interação, evitando restringir-se às perguntas pré-definidas, de forma que a palavra do entrevistado possa encontrar brechas para sua expressão.” (FRASER, 2004, p. 145)

Situando fisicamente os indivíduos em lugares de suas preferências, pois é imprescindível que estes estejam em ambientes em que se sintam confortáveis, apresentei a devida pesquisa. Por meio de uma abordagem temática que enfoque a cultura material, previamente à entrevista, dialoguei acerca dos objetos de cada sujeito, mencionando aos mesmos a importância da presença deles durante as entrevistas, além de outros suportes que tais indivíduos queiram apresentar para complementar suas falas.

2.2. Reflexão acerca das escolhas metodológicas

Realizar uma entrevista não significa necessariamente produzir história oral, ao passo que esta somente ocorre quando a partir da transcrição da entrevista ocorrer a problematização da mesma, assim como qualquer outra fonte, sendo pensada e analisada junto a terceiros. Logo, tendo por base metodológica a elaboração de entrevistas, devido a possibilidade (ou não) destas resultarem em História oral, não a eliminei desta pesquisa. David (2013) apresenta e analisa a perspectiva de Philippe Joutard (1996), apontando para a existência de quatro gerações dentro da história oral:

A primeira, advinda dos anos de 1950, buscava coligir material para a utilização futura dos historiadores. A segunda geração, datada do final dos anos de 1960, passa a entender a História oral como outra História, capaz de dar vozes aos excluídos, que passaram a narrar fatos de sua vida com o objetivo de demonstrar aquilo que os documentos escritos não descreviam, ou ainda, aquilo que a história tradicional não se preocupou em destacar. Nesta esteira, a História oral é vista como disciplina, com suas próprias regras e científicidade. Já nos anos de 1970, uma terceira geração passa a compreender a História oral como um meio de estudar as classes populares, uma metodologia de pesquisa histórica. Por fim, a quarta geração teve seu advento nos anos de 1990, influenciada por movimentos pós-modernistas e com foco na valorização da subjetividade como consequência e, até mesmo, finalidade da História oral. (DAVID, 2013, p. 158)

Logo, há a possibilidade desta pesquisa enquadrar-se na quarta geração da História Oral, devido a valorização pela subjetividade (JOUTARD, 1996, p. 50). Tanto pelo do método escolhido, ou seja, entrevistas qualitativas, quanto pela definição do referencial teórico (memória e sensibilidades), a subjetividade se apresenta como relevante.

O próprio termo, história oral, tem sido repensado nos últimos anos, tanto em comparação com a utilização única de entrevistas, quanto o procedimento de registro e transcrição da entrevista. São retomadas algumas discussões acerca de tal denominação por Selau (2004). Dentre os autores analisados encontram-se Joan Garrido (1993) e Philippe Joutard (1996). Para Garrido “o termo “história oral” não é procedente, uma vez que não se configura como um produto historiográfico diferenciado e alternativo à história realizada exclusivamente com fontes escritas.” (SELAU, 2004, p. 217). Ou seja, a “história oral” também utiliza recursos escritos, sejam poucos ou não, eles se fazem presentes para complementar a análise, assim como o autor também sugere a utilização das fontes orais para complemento das fontes escritas.

Quanto a Joutard (1996), outro autor abordado por Maurice Selau (2004), também insiste na diferenciação de “história oral” e “fonte oral”, sendo a primeira demasiada ambígua, enquanto a segunda denominação é metodologicamente preferível, pois geralmente se usa “fontes orais” com o apoio das fontes escritas. Logo, concordo com os autores mencionados e o próprio Selau:

Prefiro o uso do termo fontes orais, pois não acredito na existência de uma história oral por excelência, já que a entrevista (fonte oral) não se constitui na história em si, mas é uma construção que o indivíduo faz de seu passado com base nas experiências guardadas por sua memória. O trabalho de análise e reflexão sobre a série documental de que dispõe, seja com as fontes orais ou qualquer outro tipo de fonte, e a consequente crítica interna e externa a essas fontes é que possibilita ao historiador construir seu trabalho historiográfico, ou seja, é a atividade profissional do historiador que cria as condições para a construção de uma história com base nas fontes orais e não a fonte por si só como sugere o termo história oral. (SELAU, 2004, p. 218)

Possivelmente encontrando sujeitos que se relacionem com objetos ímpares, sem outros suportes a serem complementares na análise, há a possibilidade de tais entrevistas não gerarem de fato história oral, se pensarmos devido ao caráter científico que requer a comparação entre fontes. Decorrente da discussão acerca do termo “história oral” há três possibilidades de entendimentos sobre o mesmo: história oral como técnica; história oral como nova disciplina e história oral como metodologia. (SELAU, 2004)

Dentre as três possibilidades apresentadas por Mauricio Selau (2004), a percepção de que a “história oral” seja uma metodologia é a mais adequada à pesquisa em questão, pois:

Sendo uma metodologia, a história oral contribui para o desenvolvimento de uma série de técnicas e procedimentos metodológicos que auxiliam a produção do conhecimento em história. Por intermédio desta metodologia o historiador produz fontes para utilizar em sua pesquisa, devendo, porém buscar soluções e explicações para os problemas

teóricos onde as respostas sempre estiveram: na Teoria da História, ou mesmo nas ciências afins, que contribuem para elucidar as dúvidas das relações entre história e memória e outros problemas de ordem teórica. (SELAU, 2004, p. 226)

Desta forma, ressaltando que o foco da pesquisa em questão é a subjetividade que podemos encontrar entre indivíduos e cultura material, pode-se identificar tal escolha como participante do “estilo reducionista”, da história oral como metodologia. Em tal estilo os pesquisadores “[...] não valorizam totalmente a evidência oral em si mesma, mas somente como apêndice agregado ou complemento, para a comprovação factual ou ilustração testemunhal, de uma série de postulados de caráter teórico [...]” (SELAU, 2004, p. 227 apud LOZANO, p. 22-23).

3. DIMENSÕES SIMBÓLICAS

A característica do ser humano em manusear e marcar objetos tem sido encontrada desde o processo de hominização, podendo ser identificada em hominídeos como os Neandertais. Contudo, tal característica não é encontrada somente nos homens, mas também em outros animais, conforme Steven Mithen:

A incisão de marcas em objetos é algo que acontece involuntariamente durante as atividades de muitos animais – marcas como as impressões deixadas por cascos, arranhaduras em árvores e sinais de mordidas em ossos. Alguns animais não-humanos também deixam marcas intencionalmente: os chimpanzés pintaram desenhos incríveis em laboratórios, embora aparentemente não possuam significados simbólicos e tenham sido produzidos fora do ambiente natural. (MITHEN, 2002, p. 259)

Contudo, o homem se diferencia dos animais irracionais através da utilização de técnicas e pensamento prévio na criação e uso de objetos. Além de projetar, as pessoas atribuem valores, simbologias e significâncias aos artefatos. De certa forma, pode-se dizer que os usos e atributos dos objetos nos caracterizam como humanos. Acerca de tal capacidade, Mithen se remete aos hominídeos arcaicos:

[...] a capacidade de atribuir um significado às pegadas e rastros feitos involuntariamente por presas em potencial é um componente crítico da inteligência naturalista. [...] A habilidade de fazer inferências com base em marcas do tipo pegadas provavelmente vem do tempo em que os primeiros *homo*, ou na verdade os australopitecinos começaram a caçar e rapinar nas savanas da África. (MITHEN, 2002, p. 261)

Além de atribuírem significados às pegadas, humanos arcaicos também produziam “objetos de adorno pessoal”, conforme Mithen (2002, p. 277). As contas e pingentes elaborados, geralmente encontrados em túmulos, possivelmente representariam mensagens sociais, como status ou filiação a certo grupo. Mesmo que os humanos arcaicos ainda não possuíssem a percepção de sentimento ou é provável que tais artefatos, encontrados nos enterramentos, estivessem envoltos por simbolismos com significados específicos para estas comunidades ancestrais.

Conforme Karen Armstrong (2002), foram encontrados em túmulos de Neandertais objetos que sugerem uma possível crença em mundo/existência pós morte. Até onde essa cultura material enterrada juntamente ao homem de Neandertal seria particular, no sentido de se relacionar somente à tal sujeito e não à outro? Até onde ela possuiria valor simbólico que

talvez representasse a vida ou o próprio homem de Neandertal, afinal se tais artefatos fossem apenas instrumentos, não seria natural que os demais indivíduos dessem continuidade em sua utilização? Tais relações entre indivíduos e seus adornos, ocorreriam graças às representações acerca do mundo em que viviam? As respostas estão certamente longe de serem respondidas nesta pesquisa, contudo me parece possível que, assim como atualmente atribuímos simbolismos aos objetos, os Neandertais também o pudessem fazer, em seus contextos e limites.

3.1. Âncoras de memórias

Como já mencionado, esta pesquisa surgiu a partir do artigo *A vida social das coisas: roupas, memória e dor* de Peter Stallybrass, em seu livro *O casaco de Marx* (1993). Através de uma narrativa simples e comovente – sem perder seu caráter de análise científica –, Stallybrass apresenta situações íntimas que envolvem o mundo dos objetos e os seres humanos, em relação a morte de entes queridos. Quando ocorre o repasse de bens materiais, que pertenceram a familiares falecidos, as representações acerca destes entes queridos estão por vezes impregnadas nestes objetos, que despertam sensibilidades em seus novos portadores.

Partindo de uma vivência própria, Stallybrass (1993) nos remete à morte de seu grande amigo, Allon, com quem trocava roupas, dividiu uma casa e escreveu um livro. Sentindo-se incapaz de vivenciar o luto, Stallybrass foi tomado por um vazio profundo. E como geralmente ocorre quando algum amigo próximo falece, ficamos com algo que tenha sido importante para aquela pessoa, ou que fosse importante para nós, em sua capacidade simbólica de relembrá-lo. Dentre os objetos possíveis de serem repassados, Stallybrass recebeu da esposa de Allon, uma jaqueta – “ela também me deu a jaqueta de Allon que eu mais havia cobiçado”. (STALLYBRASS, 1993, p. 9) A morte de Allon, apesar de real e presente para Stallybrass criava um grande desconforto por não senti-la de maneira trágica. Mas, foi em meio a apresentação de uma palestra que pôde, subitamente, ter o vazio preenchido com tristeza.

De qualquer forma, essa era a jaqueta que eu estava vestindo quando apresentava o meu trabalho sobre o indivíduo, um trabalho que, sob muitos aspectos, era uma tentativa de relembrar Allon. Mas, em nenhum momento da escrita desse trabalho, a minha invocação foi respondida. Tal como o trabalho, Allon estava morto. Então, à medida em que comecei a ler, fui habitado por sua presença, fui tomado por ela. Se eu

vestia a jaqueta, Allon me vestia. Ele estava lá nos puimentiros do cotovelo, puimentiros que no jargão técnico da costura são chamados de “memória”. Ele estava lá nas manchas que estavam na parte inferior da jaqueta; ele estava lá no cheiro das axilas. Acima de tudo, ele estava lá no cheiro. (STALLYBRASS, 1993, p. 9-10)

A jaqueta agora utilizada por Stallybrass estava impregnada pela presença de Allon, pelas representações feitas acerca do mesmo, pelas memórias vividas por ambos. Não somente o objeto em si, mas inclusive o cheiro também o relembrava, ou seja, as representações não se limitam à memória visual, mas também ao olfato, paladar e audição. A jaqueta já não era apenas um objeto cobiçado, mas um bem simbólico que representava a vida de Allon. Stallybrass complementa:

Comecei a acreditar que a mágica da roupa está no fato de que ela nos recebe: recebe nosso cheiro, nosso suor; recebe até mesmo nossa forma. E quando nossos pais, os nossos amigos e os nossos amantes morrem, as roupas ainda ficam lá, penduradas em seus armários, sustentando seus gestos ao mesmo tempo confortadores e aterradores, tocando os vivos com os mortos. (STALLYBRASS, 1993, p. 10)

O foco de Stallybrass (1993) são as roupas, repassadas entre familiares, amantes ou amigos. Mesmo mencionando joias, que “duradouras [...] ridicularizam nossa mortalidade, imitando-a apenas no arranhão ocasional” (1993, p. 11) e a comida que “é uma dádiva que nos liga uns aos outros, rapidamente torna-se nós e desaparece” (1993, p. 11), são principalmente as roupas que absorvem a presença do ausente.

Surpreende-nos (à Stallybrass e a mim) – mesmo após 12 anos da escrita de seu livro –, que devido a abundância de materiais e objetos neste mundo capitalista, os valores simbólicos de muitos artefatos são desvalorizados, substituídos ou esquecidos. Tal percepção também foi encontrada em meio às conversas informais com meus amigos e familiares, onde por vezes ao perguntar se possuíam algum “objeto especial” que guardavam com carinho por relembrarem de alguém, respondiam que não, ou que se quer haviam cogitado a possibilidade de atribuir simbolismos aos objetos. Contudo, em todas as conversas que mantive, afirmavam-me que os objetos podem “lembra” alguém, sejam estes guardados ou não. Os objetos recebem características que são agregadas por nós mesmos, somos nós que os simbolizamos, nós que os tornamos importantes ou descartáveis.

O próprio “representar” alguém ausente tem suas especificidades, gerando sensibilidades distintas em cada situação. Stallybrass (1993) retoma Vladimir Nabokov (1990) e seu romance *Olha os Arlequins*, onde o protagonista Vadim, após a morte de sua esposa encontra-se em um apartamento repleto da presença da mesma, através de seus

objetos. Nas roupas, escova de cabelo, bolsa, dentre outros, Vadim enxerga a presença de sua falecida esposa, contudo cada artefato passa a manifestar “seus próprios eus” (NABOKOV, 1990, p. 73) e o protagonista entra em colapso. Sem saber como se livrar de todas aquelas representações que pareciam adquirir vida, pois não aceitaria jogá-las no lixo ouvê-las sendo utilizadas por outro alguém, ele decide ir embora, deixando à cargo da empregada que se livrasse de todas aqueles objetos.

Outro caso semelhante apresentado por Stallybrass (1993) é vivenciado por Philip Roth e exposto em sua autobiografia, *Patrimônio* (1991). Após o velório de sua mãe, Philip encontrou seu pai revirando as gavetas da escrivaninha, juntando todos os objetos pessoais da esposa que restaram, tirando do roupeiro todos os vestidos, casacos e demais roupas. Decidido a doar todos os pertences da esposa falecida, o pai de Roth buscava se livrar de todo e qualquer traço que representasse sua esposa, afinal,

[...] era agora um homem velho, vivendo sozinho e... As relíquias simbólicas não podiam realmente substituir a companhia real de cinquenta e cinco anos. Parecia-me que não era por medo das coisas dela e do seu poder fantasmático que ele queria, sem demora, livrar o apartamento delas, para também enterrá-las agora, mas porque ele se recusava a evitar o mais brutal de todos os fatos [...] (ROTH, 1991, p. 31, 33 apud STALLYBRASS, 1993, p. 18)

Ao contrário do pai de Roth, Stallybrass (1993) apresenta a poeta e artista Nina Payne, que após perder o seu esposo, guarda três camisas enxadrezadas para posterior uso, pelos filhos. Depois de dois anos, as camisas reapareceram, sendo usadas pelas duas filhas, nas mais variadas combinações de vestuário. Contudo, surgem conflitos, pois seu filho Eric era contra a utilização das camisas por parte de suas irmãs, pois era ele quem queria vesti-las em memória do pai. Ou seja, Stallybrass ao apresentar estes dois casos, demonstra que ao contrário de Roth, onde as roupas e demais objetos de sua mãe foram doados, as camisas do esposo de Nina ao serem preservadas para uso futuro, tornaram-se patrimônio a ser repassado entre os filhos, em memória do pai. Logo,

Uma rede de roupas pode efetuar as conexões do amor através das fronteiras da ausência, da morte, porque a roupa é capaz de carregar o corpo ausente, a memória, a genealogia, bem como o valor material literal. (STALLYBRASS, 1993, p. 26)

As roupas, mais do que outros objetos, são de fácil atribuição de representações, devido às características já mencionadas, como o uso, desgaste e o cheiro, tanto marcam quanto são marcadas, pois,

[...] as roupas têm uma vida própria: elas são presenças materiais e, ao mesmo tempo, servem de código para outras presenças materiais e imateriais. Na transferência de roupas, as identidades são transferidas de uma mãe para uma filha, de um aristocrata para um ator, de um mestre para um aprendiz. (STALLYBRASS, 1993, p. 29-30)

Contudo, essa transmissão pode ocorrer de maneira *errada*, no sentido de aquela pessoa que herdou tal objeto, não se importar com a história do mesmo ou com o próprio artefato. “Uma característica necessária da transmissão [...] é que ela pode se extraviar. A carta não chega, a pessoa errada herda, o legado é uma carga indesejada. Contudo, mesmo na mais selvagem das transmissões, alguma coisa realmente chega ao seu destino.” (STALLYBRASS, 1993, p. 36) Porém, quando há a possibilidade de escolha, é natural que os indivíduos busquem algum objeto que desperte suas sensibilidades e representações acerca do falecido.

Outro artigo que exemplifica a relação entre indivíduo, representação, sensibilidades e cultura material é *De cultura material, memória, perdas e ganhos*, de Artur Henrique Franco Barcelos (2009). São apresentadas três situações por este autor, sendo a primeira ligada ao falecimento de sua mãe, a segunda sobre a exumação do corpo de seu pai e a terceira acerca da mudança de casa e cidade por ele e sua esposa.

Novamente, dentre os objetos, uma peça de roupa é apresentada como elo entre dois indivíduos. Barcelos (2009) retoma o período em sua mãe ainda estava em tratamento para o ataque cardíaco que tivera, quando acabou por pernoitar no apartamento dela, enquanto esperava pelo boletim médico. Em meio à angústia, percebeu o quanto aquele local estava repleto de representações da mesma, todos aqueles objetos a lembravam e eram de certa forma, estranhos para si. Contudo,

Revirando, não sem constrangimento, seu roupeiro, encontrei uma camiseta que eu mesmo havia dado a ela, em 1992. Estava em ótimo estado, embora se pudesse perceber que ela fazia uso frequente daquela peça de roupa. Ainda sem uma razão em especial, vesti aquela camiseta e, antes de adormecer, pensei muito sobre o curioso daquele momento, cujo principal elemento que me unia a minha mãe não era sua enfermidade ou a preocupação com sua condição, mas aquela camiseta, que fora minha, pertencia agora a minha mãe e que voltava ao meu corpo, 18 anos depois, em uma situação tão inesperada e adversa. (BARCELOS, 2009, p. 28)

Ora, a camiseta encontrada por Barcelos naquele instante tornou-se o elo entre ele e sua mãe. A peça anteriormente o representava e provavelmente sua mãe recordava-se dele ao vesti-la. Mas, agora não somente representações de sua mãe, mas também acerca do seu

próprio passado eram despertas pelo objeto, enquanto que os demais artefatos do apartamento eram carregados somente de representações dela:

Mesmo invisível aos meus olhos, minha mãe estava ali, em todos os cantos e recantos daquele apartamento. Estava na xícara que permanecera sobre a pia da cozinha, com o resto seco de seu último café. Estava em suas revistas de palavras cruzadas, deixadas na mesa da sala, com uma caneta marcando a última página em que ela se distraiu preenchendo os quadros do crucograma. Estava em suas roupas penduradas no varal, perto da janela da cozinha. Estava na cadeirinha de plástico, a primeira e última feita com a nova técnica que ela aprendera. Estava na cama desfeita da última noite, interrompida pelo infarto que a levava, às presas, de volta para o hospital. Por meio daquelas “coisas”, a vida de minha mãe ficara suspensa. Um instante no tempo, seus últimos dias de interação com o mundo físico, marcados indelevelmente pela forma como ela manipulou, dispôs, produziu e descartou as coisas que a cercavam e eram ela ao mesmo tempo. (BARCELOS, 2009, p. 30)

Quando Barcelos (2009) afirma que tais artefatos “[...] a cercavam e eram ela ao mesmo tempo”, ele se remete às representações e memórias sobre sua mãe. Por não conviver com a mesma, naquele apartamento, mas pelas memórias que possuía sobre ela, ao olhar os artefatos, mesmo sem vê-los em sua utilização, ele pode perceber representações dela.

A segunda situação apresentada por Barcelos (2009) foi decorrente do falecimento de sua mãe, quando foi necessário exumar o corpo de seu pai, para enterrá-la junto no jazigo da família:

Lá estavam os ossos de meu pai, sendo retirados de dentro das roupas que vestiram seu corpo 25 anos antes. Relativamente conservadas, as calças, a camisa, a gravata, o casaco e os sapatos foram separados dos ossos, que eram depositados em uma pequena urna de plástico. Ao fim, restavam apenas os fêmures, as tibias, a bacia, as costelas, os úmeros, etc. E havia o crânio, em cujo cimo um tufo de cabelos parecia fazer recordar a calvície que se ensaiara pouco tempo antes da morte de meu pai. Foi quando percebi que, materialmente, meu pai estava reduzido àqueles ossos. Não havia nenhum objeto. Um anel, uma pulseira, um cinto, uma abotoadura, nada que lembrasse as coisas que foram dele, além das roupas rotas e misturadas aos restos do caixão. Talvez por essa razão e por nenhuma outra de caráter religioso, pedi aos funcionários que retirasse do entulho a ser descartado um crucifixo que fizera parte da tampa do caixão. E, com cuidado, o depositei sobre os ossos, na urna. Pronto, agora haveria “algo” que continuaria a acompanhar “meu pai”, como lembrando que ele era /havia sido um ser humano. E seres humanos precisam (ou são) das coisas que eles próprios fabricam, como tentarei retomar mais adiante. (BARCELOS, 2009, p. 29)

Não havia nenhum objeto particular daquele sujeito que pudesse ser mantido juntamente aos seus restos mortais. O crucifixo depositado por Barcelos na urna, o relembraria de sua característica humana. Pois, como exposto no início deste capítulo, os objetos e seus variados usos e simbologias atribuídas por nós, nos diferem dos demais animais. O crucifixo o representaria como ser humano.

A última situação apresentada por Barcelos (2009) está ligada aos seus objetos pessoais. Ao mudarem de cidade, ele e sua esposa precisaram inventariar todas as coisas que possuíam e dentre elas, caixas que estavam fechadas há anos e que continham dos mais variados objetos que agora precisavam ser reavaliados e, quiçá descartados:

Agora não eram as “coisas” de minha mãe, ou o último artefato ligado ao meu pai: eram as minhas coisas, que um dia eu manipulara, vestira, comprara, ganhara, enfim, que um dia eu havia atribuído tantos quantos fossem os sentidos por mim determinados. Não é preciso dizer o quanto essa seleção foi difícil. E quantos objetos voltaram para caixas que permanecem na casa nova, fechadas, mas dos quais não consigo me desfazer. (BARCELOS, 2009, p. 30-31)

Por que às vezes não conseguimos nos desfazer de certos objetos, mesmo não os utilizando, mesmo sendo somente nossos e sem importância aos demais? Ora, possuímos acerca de nós mesmos diversas representações, seja por fases da vida ou por momentos, mesmo quando já não utilizamos tal objeto, ao nos depararmos com ele, nos relembramos de nosso passado, daquilo que já fomos assim nossas sensibilidades são despertas, principalmente a saudade. Barcelos faz uma ligação entre os três acontecimentos, exemplificando a importância de tais objetos fossem dele ou não:

Qual o nexo que une os fatos/eventos acima narrados? De entrada, poderia fazer menção a, pelo menos, dois. O primeiro é que todos eles envolvem “coisas” materiais que possuem fortes significados, os quais só podem ser compreendidos por minha mediação. Do contrário, seriam apenas artefatos, passíveis de serem descartados, vendidos, doados, ou até mesmo estudados por historiadores, antropólogos e arqueólogos, caso seu destino fosse outro. O segundo é que se trata de “coisas” manipuladas, usadas, no tempo presente, ou seja, não pertencem a uma cultura do passado, nem mesmo a uma cultura alheia à minha própria. (BARCELOS, 2009, p. 30-31)

O ser humano cria, molda, utiliza, descarta, mas acima de tudo, precisa dos objetos. Por vezes podem ser descartados sem ter em si atribuídos simbolismos, podem apenas ser “coisas do cotidiano”, mas sua importância é sempre presente.

3.2. Entrevistas

Realizei três entrevistas em decorrer do pouco tempo que me restava para finalizar a pesquisa. Trata-se de três mulheres, a primeira, Zilma Martins de 41 anos, natural de Jaguarão/RS, a segunda, Daniele Tramanzoli, de 21 anos e terceira, Rosana Serpa, de 30 anos, ambas de Santana do Livramento/RS. Zilma e Daniele são graduandas em Licenciatura em

História e Administração, enquanto Rosana em meados de 2014 graduou-se em Licenciatura em Letras. Fiz a elas perguntas elaboradas em um roteiro semiestruturado (anexo D), possibilitando a criação de novas questões.

A primeira pergunta feita às três mulheres era se elas achavam possível um objeto representar alguém a partir dos simbolismos. Obteve respostas afirmativas das três, contudo os complementos das respostas variaram. Para Zilma, as representações podem ser tanto boas quanto ruins, embora as que ela possua acerca dos objetos escolhidos para a entrevista, sejam unicamente positivas e saudáveis.

Perguntei à Zilma sobre sua percepção de memória, para ela a memória pode remeter tanto ao presente, quanto ao passado, contudo depende do sentimento envolvido: “Pra mim memória remete a sentimento... Positivos, como eu já falei, ou negativos, de renúncia de alguma coisa.” A memória ligada aos objetos escolhidos por Zilma está diretamente ligada aos seus falecidos pais, que mesmo quando surgiam divergências de opiniões, sempre se manteve positiva.

Para Zilma os objetos podem ser claramente relacionados às memórias de seus pais, embora em primeira instância ela se recorde dos mesmos através das fotografias. Os dois objetos escolhidos foram a touca que pertencia ao seu pai e o pote de talco de sua mãe, sendo o pai falecido em 2011 aos 78 anos e a mãe em meados de 2014 aos 77 anos. “Quando eu pego a touca, embora não tenha mais o cheiro dele, né... Mas vai me remeter à ele, eu arrumando a touca nele, né. E no caso da mãe, a mesma coisa [...] é o cheiro. Embora ela já estivesse cega há três anos, ela não cozinha mais... Mas o cheiro da comida, dos temperos que ela gostava de utilizar... Tanto é que eu utilizo na minha casa [...] na minha comida.”

A touca de lã fora presente de irmã Zilda ao pai, seu Pedro, contudo Zilma afirma que ao olhar a touca, lembra-se dos momentos que passou ao lado do pai, principalmente quando arrumava a touca no mesmo. Quanto ao pote de talco, fora o último presente de dia das mães dado por Zilma, à dona Ivaema. Relembra-se que, no último dia em que sua mãe esteve em casa, antes de ir ao hospital, foi ela própria quem passou talco na mesma, pois o talco com aroma de flor de laranjeira era seu preferido.

Quando perguntei à Zilma se considera os objetos importantes na vida das pessoas, ela respondeu que sim, contudo cada objeto tem seu próprio contexto e simbolismo: “ele pode ter valor pra mim e não ter pra ti, porém é um valor que não tem dinheiro que pague, é diferente

de tu ter um carro ou uma casa... Vão te dar um valor por aquela casa, né..." e relata acerca da casa que ela e seus sete irmãos herdaram de seus pais, onde passou a infância e adolescência, mas devido à empecilhos financeiros, a casa não pôde permanecer na família. Assim, para Zilma o valor cobrado pelo imóvel é totalmente diferente do valor simbólico atribuído por ela a casa. Aos objetos do cotidiano, como xícaras comuns, perguntei-lhe se tais objetos poderiam se tornar importantes na vida das pessoas, ela concordou, remetendo-se às xícaras que ela e seus filhos deram de presente de bodas de 50 anos de casados, aos seus pais. Tais objetos após a morte de ambos retornaram à Zilma.

Para Zilma os objetos caracterizam os sujeitos como humanos, principalmente os artefatos escolhidos – touca e o pote de talco – que a remetem ao caráter humano, como as sensibilidades, qualidades e defeitos de seus pais:

Porque quando a gente se identifica como “Ah, aquela... A touca era do meu pai.” e ai tu vai dizer “Quem era o teu pai?”, “meu pai era assim, uma pessoa que tinha defeitos”. A gente em momento algum pode santificar ou endeusar uma pessoa, não... Me remetia... Vai me remeter à meu pai, uma pessoa que eu me identificava muito, que eu gostava muito, que eu sou muito grata por ter sido filha dele... Com defeitos e qualidades como qualquer ser humano, a gente em momento algum quer endeusar ele, no mesmo caso da mãe... Mas a saudade pela ausência da pessoa, que a ausência da pessoa causa... O objeto vai te remeter a essa pessoa, eu enxergo dessa maneira.

Perguntei-lhe se ela possuía algum objeto único que a representasse, ela mencionou que sim, que possui um colar com o nome dela, um anel com a letra Z, dentre outros, que serão futuramente repassados aos seus filhos.

Quanto às outras formas que podemos nos recordar de alguém, o principal fator mencionado por Zilma é o cheiro. Recorda-se do cheirinho de bebê de seus filhos, também do choro ou gargalhada. Entretanto, o som mais claro em sua memória é o dos passos do pai de sua madrinha que morava ao lado de sua casa, quando este ia visita-la. Zilma afirma que se lembra nitidamente dos passos dele, mesmo após 15 anos de sua morte.

O choro... O choro inconstante, inconstante não... Constante, de uma criança com dor, aquilo ali também, assim como uma gargalhada, tu guarda na memória a risada, às vezes a gente fala “as risadas que galpão do fulano, que saudade que dá né!” Tem situações assim [...] o choro, eu lembro do Diego chorando. Eu tenho na minha memória o Diego chorando até os quatro anos, praticamente dia e noite. A gente entrava pro banho e quando botava pra dormir e entrava pro banho... Daqui a pouco meu marido dizia assim “o Diego ta chorando”. Eu saia voando do banheiro pra ver, o Diego tava dormindo. Mas a gente tinha pânico do Diego chorando, ta... Agora eu guardo na minha memória, o pai da minha madrinha que morava na casa do lado, na casa do lado não, na casa em frente a nossa... E que sempre dia dois de agosto, a primeira pessoa a me dar um abraço era ele e ele atravessava a rua e eu sentia os

passos... Ouvia os passos dele... Eu tenho na minha memória os passos dele passando... Passando... Atravessando o meio da rua. E ele chegava e perguntava pra mãe “E minha a minha guria já acordou? Minha guria já levantou?” Que eu era considerada uma filha por ele, tanto é que... Tanto por ele quanto pela esposa dele... E... Eu não tinha levantado ainda, ai eu levantava e tava tomando café e ele já tava lá... “Ah eu vim da o abraço na minha guria.” Então eu tenho na memória os passos dele... Isso é nítido... Uma coisa assim... Já faz quinze anos que ele morreu. E não tem... Espero nunca esquecer. É uma coisa assim... Não consigo explicar, porque eu guardo isso...

Retornando às memórias sobre seus pais, Zilma ressalta que sempre mantivera uma relação saudável com os pais. Que tanto a touca quanto o talco eram utilizados sempre que possível. Ambos objetos são guardados por ela em sua casa, a touca em uma gaveta, juntamente à outras toucas de lã e o talco em uma prateleira de uma cristaleira.

Pensando acerca da noção de representação, Zilma relata que sempre fora claro o pedido do pai, que quando este morresse fosse enterrada junto consigo, a enxada que utilizava na horta. E assim foi feito, conforme Zilma, o caçula da família, antes de terminarem o sepultamento, colocou a enxada juntamente ao caixão, pois,

Era um desejo dele então foi cumprido, né... Então têm coisas assim... Umas manias que a gente tem e não tem como explicar. Pode ter sentido pra ti e pra mim não ou vice-versa e eu vejo sentido naquilo ali. Porque ele adorava trabalhar com a terra, ele adorava plantar, ele adorava cuidar das plantas dele. Mas uma pessoa assim, extremamente da natureza...

Quando perguntei se ela possuía algum outro objeto que relembrasse seus pais, mencionou o pé de jabuticaba que ganhara dos mesmos de aniversário. Para Zilma, esse presente possui valor inestimável: “Agora caso um dia eu venha me mudar daquela casa, eu arranco o pé de jabuticaba, mas que eu levo, ah, eu levo!”. Sobre a touca e o pote de talco, ela os guarda em memória e também os usa pela memória, ou seja, os guarda com o propósito de preservá-los, pois são objetos que ativam sua memória e também os utiliza quando possível, para mantê-la viva em seu dia a dia:

[...] eu posso guardar o talco e lembrar que foi o último presente de dia das mães que eu dei pra minha mãe, a última vez quem botou o talco nela fui eu e posso sentir o talco, cheirar, usar pra ter o cheirinho dela em mim... E a touca, ao mesmo tempo que eu posso usar pra me aquecer [...] também vou estar lembrando que um dia ela aqueceu meu pai, é isso que eu vejo.

A última pergunta realizada à Zilma foi se algum dos objetos poderia se tornar um patrimônio familiar, ou um capital sentimental, no sentido de ser um valor sentimental ou

simbólico repassado. Para Zilma, dependeria do contexto e da representação atribuída aos objetos pelo novo portador, contudo é possível, a partir do momento em que seja repassado entre sujeitos com sensibilidades semelhantes em relação ao dono original do objeto.

Pra mim sim, agora tipo assim... Vamos supor uma coisa bem... O dia em que eu morrer, os guris vão querer ficar com a touquinha que foi do vô ou com o talco que foi da vó? Talvez sim, talvez não. Vai depender do sentimento, do carinho, do que remete pra eles, saudade da vó, tu ter uma coisa que a mãe guardou... E não vai ser mais um objeto. Pra mim tem valor, pra mim poderia sim se tornar, mas assim, e pro outro? Porque um dia eu vou morrer e aquele valor que eu dei talvez ele não dê... Ou dê e siga mantendo, é uma coisa que é uma incógnita pra mim... [...]

A segunda entrevista foi realizada com Daniele Tramanzoli. Para Daniele os objetos podem representar alguém, mas não é que o objeto traga de volta a pessoa em si, mas traz a tona as representações acerca da pessoa, assim como também o cheiro que parece ativar uma parte do cérebro que fazer lembrar-se da pessoa.

Segundo Daniele, “[...] as memórias são lembranças, acho que as emoções que a gente tem sobre pessoas, sobre momentos, sobre a gente, pode ser boa, pode ser ruim”. Essas memórias podem se relacionar com os objetos, pois quando alguém se defronta com um objeto que seja especial, não se trata de qualquer objeto descartável, mas algo que possui sua própria história “o objeto especial pra mim ele faz vir à tona uma memória, uma lembrança... Se, por exemplo, pertenceu a alguém que eu amava e essa pessoa deixou pra mim, quando eu vou olhar pro objeto eu vou lembrar de momentos [...] que eu vivi com aquela pessoa”.

Daniele considera os objetos importantes, mas é relativo do objeto, pois cada um possui sua importância:

Eu acho que dependendo do objeto e da utilização do objeto [...] o exemplo da panela seria... Se é uma panela comum, vai ser um objeto comum, eu vou usar no dia a dia pra cozinhar e ok, não vai ter outra função, mas se for uma panela que é da minha vó, é uma recordação, vai me trazer lembranças, vai me trazer uma trajetória, uma história... Então não é um objeto comum, é um objeto que traz lembranças, então é uma coisa especial.

Outro exemplo de objeto que sai do cotidiano e se torna especial é o da mesa de sinuca que pertencia ao tio falecido de Daniele. Ótimo jogador de sinuca, o tio ensinou a Daniele e Danilto como jogar, a mesa que foi inicialmente comprada por Danilto, mas muito utilizada pelo tio acabou por ser vendida pelo irmão, pois este não queria guardar a mesa como recordação, pois a dor da perda era reativada ao se deparar com o objeto.

Quando lhe perguntei se os objetos poderiam “humanizar” as pessoas, para Daniele, a partir da utilização de algum objeto, o indivíduo se torna humano, pois é a utilização do objeto que permite que nos lembremos de hábitos, costumes e representações do sujeito. Também quando alguém utiliza um artefato, esta pessoa pode moldá-lo conforme suas características, para Daniele isto também o torna humano e diferenciado dos demais: “Eu acredito que quando uma pessoa usa um objeto ela humaniza o objeto, porque como se aquele objeto não fosse o mesmo, ele tem a característica que pega a forma, o jeito da pessoa...”.

Daniele possui alguns objetos que são unicamente seus, contudo são os vidros de perfumes e as essências dos mesmos que a representam para seus familiares, devido à frequência com que os utiliza:

Eu acho que tem umas coisinhas, alguns objetos que se alguém olhar vai lembrar de mim... Uma coisa que eu gosto muito, muito assim é perfume... Eu gosto de usar o perfume e depois guardar o vidrinho... Não porque eu acho bonitinho, claro, eu posso assim guardar, né, tipo uma coleção... Então eu acho que se alguém visse, como eu utilizo sempre, todos os dias, mesmo que eu não saia, o perfume... Eu acho que é um objeto que se alguém visse, vai lembrar de mim.

Essa característica olfativa também pode representar para a própria Daniele, outras pessoas. Por exemplo, o cheiro do arroz elaborado por sua mãe trás a tona as lembranças de sua avó, pois os temperos utilizados pela mãe são os mesmos.

Os dois objetos escolhidos foram um colar de pérolas e um anel solitário. O primeiro pertence à sua mãe, mas teve origem com a bisavó italiana e fora repassado entre as mulheres da família como presente de noivados da bisavó, avó e mãe. Quanto ao anel, a avó de Daniele utilizava, repassando à mãe da mesma, aos seus 15 anos, assim como fora repassado à própria Daniele em seus 15 anos.

Daniele não conheceu sua bisavó e pouco conviveu com a avó, perdendo-a aos seus nove anos de idade. Perguntei-lhe se lembrava de ver a avó usando também o colar de pérolas,

Pelas fotos que eu tenho, que a minha mãe tem um álbum [...] a minha vó tinha um álbum que tinha bisavós e as bisavós dela já, e a mãe e o pai dela também... Esse álbum quando a minha vó faleceu, a minha mãe ficou então tem várias imagens e... É, e a minha vó ta usando em algumas das fotos... Então foi um objeto muito usado [...] ele viu muita história, tem mais de cem anos, eu acho, esse colar...

O colar não é utilizado pela mãe de Daniele, por precaução para evitar perde-lo. Quanto ao anel, inicialmente não era usado pela mãe, sendo devolvido à avó de Daniele, pois esta o utilizava com mais frequência, contudo após a sua morte este retornou à posse de sua mãe.

A relação entre Daniele e sua avó sempre fora ótima, e suas lembranças apesar de serem distantes, são inesquecíveis. Tanto o anel quanto o colar não são utilizados cotidianamente por Daniele, o anel por ficar grande no dedo da mesma e o colar por precaução, para não perde-lo, pois o feixe está enferrujado. Ambos são guardados em caixinhas de jóias, o colar esta junto à mãe e o anel, junto à Daniele. Ela os guarda para preservá-los até que surja a oportunidade de usá-los pela memória:

Eu acho que se a gente puder usar pela memória, é uma boa... Mas como não tem condições de ser usado porque é frágil [...] eu prefiro guardar, entendeu? Se é uma forma de conservar, eu vou poder sempre ter perto de mim, olhar e tal... Então guardar seria uma boa, uma boa... [...] eu to guardando os objetos... Eu poderia usar... Se eu puder usar eu vou usar, mas por enquanto eu to guardando pela memória.

Além destes artefatos, Daniele guarda outros objetos que pertenceram à avó, como lenços, uma penteadeira, objetos de decoração, etc., estes que ela utiliza com maior frequência. São mantidos por estarem em bom estado de uso, representarem a presença da avó na vida de Daniele, “[...] um pouquinho dela ta perto da gente”.

Acerca de patrimônio familiar, Daniele mencionou a casa que era da avó materna e que foi disponibilizada à tia e manteve-se, mesmo após dez anos de utilização, conservada. Ou seja, as representações da avó podem ser reavivadas ao se visitar o local, quando se deparando com os quadros, alguns móveis e o próprio jardim que tem sido mantido. Assim, a casa possui seu valor financeiro, mas o valor sentimental é imensurável e devido a este é desejo de Daniele frequentar a casa e mantê-la.

Na terceira entrevista, com Rosana, percebe-se que os objetos também podem vir a representar as pessoas, através dos sentimentos, mesmo estando ausentes, a história vivida é representada na cultura material. Quanto à sua noção de memória, para ela tanto as recordações boas quanto ruins compõe a memória, sendo inevitável selecioná-las.

Quando perguntei à Rosana se a memória poderia ser relacionada aos objetos, ela afirmou que sim, entretanto para se relembrar de alguém não são necessários os objetos. Para ela no dia a dia, os objetos são essenciais às pessoas, “[...] principalmente aqueles que elas

mais gostam, né e que a gente pode ficar, porque muitos a gente... Mesmo que a gente até pode ter perdido, né... Mas aqueles que a gente guarda e nos representa algo, sim...”

Para Rosana, quando perguntei se os objetos poderiam humanizar as pessoas, ela concordou, “sim, podem, tanto humaniza-las, como caracterizar. Que... Ao ver um determinado objeto a gente já... Simboliza, já... Automaticamente já lembra de alguém ou a quem ele pertenceu”. Quanto à possibilidade de lembrarmos de alguém através de outras formas, ela complementa que pode-se “através, como já falamos, da memória, né. Aqueles momentos especiais, únicos, tanto momentos difíceis como bons, os que ficaram guardados sim... Automaticamente me faz lembrar”. Ao questioná-la se possuía algum objeto que fosse unicamente seu e possivelmente a representasse à outras pessoas, Rosana não soube responder “Não sei [...] é, não sei, talvez, não sei agora te responder...”.

Os dois objetos escolhidos foram uma medalha de condecoração da Brigada Militar que era de seu pai, falecido em 2011 e uma corrente que fora repassada à ela pela sua mãe, presente no dia da entrevista. Perguntei-lhe sobre o que se recordava ao olhar a medalha: “Eu lembro ele, com certeza. Porque isso aqui foram objetos de trabalho, né, dele, de trabalho dele, que representam toda história que ele viveu, toda história da profissão dele...” O outro objeto, uma corrente com um pingente de coração que fora de sua avó e agora entregue pela mãe. Apesar de não ter conhecido a avó ou ter presenciado a mãe utilizá-la, a corrente, devido às histórias, decidiu guardá-la.

Rosana relata que a medalha, quando entregue a ela por seu pai, este lhe disse que em último caso, se precisasse vendê-la, que o fizesse no demais deveria guardar o objeto. “E esse aqui o pai me deu e ele disse que quando... Quando... Se eu tivesse que vender né, por... Trocar... Só se for por... Em último caso”. Assim também fora com a corrente, que foi repassada pela mãe com o propósito de ser preservada. Sobre sua relação com o pai, Rosana afirma que “era boa, normal como filha, normal... Foi bom que eu pude cuidar dele, né, quando... Os últimos quatro anos que foram os mais difíceis, que eu pude cuidar dele até o último suspiro”.

Ambos os objetos são guardados com carinho, para preservá-los ou evitar que sejam perdidos. A medalha é guardada em um casaco que era do próprio pai, este que ela tentara doar, mas foi tomada pelo medo de não reencontrá-lo e decidiu guardar. “[...] dois casacos já... Duas vezes eu fui pra colocar eles pra doar, mas não... Não consigo...”. Perguntei-lhe o porquê de guardar os casacos, ela respondeu que é “por que ele usou, no... No um ano,

parece... No um ano da... Das outras filhas... No um ano de uma das filha, porque ele usou só uma vez... Eu guardo, não consegui doar, não consegui, ta ali [...] não, me lembra muito ele”, complementando que pretende guardar os casos pelo maior tempo possível, principalmente o casaco mencionado, pois ao olhá-lo ela afirma que lembra perfeitamente do pai.

Assim, Rosana prefere guardar os objetos e o casaco para preservar a memória, “porque assim eles tão protegidos, se eu usar vá que eles estraguem né, ou que eu perca...”. Além destes, ela possui outros objetos, como a carteira com os documentos dele e um chaveiro. Quando perguntei se algum destes objetos poderiam se tornar um patrimônio familiar ela afirmou que sim, “[...] familiar pode, desde que seja preservado, desde que tenha algum valor pra família, pode...” e complementou que seria bom que seu filho sentisse essa vontade de preservá-los também.

Enfim, para as três entrevistadas os objetos são importantes, sejam pertencentes ao cotidiano ou não. Guardá-los pode ser compreendido como uma maneira de se preservar uma fonte de memórias, uma ligação com aquela pessoa ausente. A morte nada mais é do que um vazio. Por vezes temos medo de esquecer totalmente aquele indivíduo, pois como já mencionado no segundo capítulo, a memória é falha, assim guardar algum artefato que tenha sido manuseado e moldado por alguém, além de estabelecer ligação entre os sujeitos, permite-nos manter uma prova da existência do mesmo.

Ora, o indivíduo já não se encontra presente, sua voz já não pode ser ouvida, não mais o encontraremos se não em nossa memória e nas representações atribuídas aos objetos. Conforme as sensibilidades de cada um, preservar ou não tal objeto se torna importante, a saudade assim como a dor da perda, também influencia nas atitudes. As coisas – cultura material –, são criadas pelos seres humanos, são elas que testemunham suas existências e mortalidades, tem registradas em si, através das representações da memória, o nosso ser. Os objetos servem como elo entre o mundo dos vivos e dos mortos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já foi apresentado, os objetos estão presentes na vida do homem desde o processo de hominização e atualmente estão ao nosso redor, queiramos ou não, são eles que compõem nosso cotidiano. Viver neste mundo movido rapidamente em base da tecnologia em desenvolvimento, na comunicação e globalização, requer que nos adaptemos a essa fluidez, utilizando os mais variados objetos, seja inicialmente um telefone a fio, trocado posteriormente por um telefone celular *touchscreen*; um notebook ou alguma roupa que corresponda aos padrões cobrados à sociedade.

Contudo, quando tais objetos nos remetem a alguém ausente, dispensá-los por terem se tornados ultrapassados, fora de moda ou sem utilização, é algo impensável. Ao se guardar algum artefato, estamos guardando uma fonte capaz de despertar memórias, sensibilidades e representações. E quando tal objeto está “à vista”, maiores são suas influências.

Através dos indivíduos a cultura material pode representar não somente alguém que está ausente, mas também a própria pessoa e seu passado. Quem nunca guardou algum objeto como recordação? Fosse algum *souvenir* de uma viagem longa, ou um marcador de um livro especial. As representações não se restringem às memórias relacionadas aos indivíduos, mas ao mundo como realidade. Ao olharmos uma miniatura da Torre Eiffel, as representações acerca da cidade de Paris são retomadas, sejam através das lembranças vividas ou de imagens de um filme. Assim como, ao olharmos algum objeto utilizado por alguém querido, as representações sobre esse sujeito vêm à tona.

Logo, não seria possível pensarmos em um capital sentimental – como um valor simbólico, seja de amor, saudade, tristeza, dentre outros –, sendo este interligado às noções já apresentadas de cultura, sensibilidades, memória e representação? Não seria este capital sentimental constituído na relação entre os sujeitos, que possibilitaria a criação de simbolismos atribuídos aos objetos devido às representações que construímos acerca das pessoas? Ou seja, tal valor simbólico, como o afeto e carinho de uma boa relação entre indivíduos, não possibilitaria que a algum objeto utilizado por algum deles fossem atribuídas representações sobre o mesmo? Tal questão eu deixo em aberto, talvez próxima de ser respondida nesta pesquisa, ou em futuros trabalhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMSTRONG, Karen. O que é mito. **Breve história do mito**. Trad. de Celso Nogueira – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BARCELOS, Artur Henrique. Da cultura material, memória, perdas e ganhos. **MÉTIS: história & cultura**. Universidade Federal de Caxias do Sul, v. 8, n. 16, p. 27-42, jul./dez. 2009.

BARROS, José D'Assunção. História Cultural: um panorama teórico e historiográfico. **Textos de História**. Vassouras, vol. 11, nº ½, 2003.

_____. **O Campo da História: Especialidades e Abordagens**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

BEZERRA, Ulpiano de Menezes. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, São Paulo, SP, nº 115, 1983.

BRAIT, Paula Malatian. **A gastronomia como bem simbólico e fator de distinção: Uma análise do caderno Paladar, do jornal O Estado de São Paulo**. Bauru/SP, 2010. Disponível em: <https://www.faac.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Comunicacao/DissertacoesDefendidas/paula_braiti.pdf>. Acesso em 27 de dezembro de 2014.

BUCAILLE, Richard; PESEZ, Jean-Marie. Cultura material. **Enciclopédia Einaudi**, Lisboa, IN-CM, vol.16, 1989, p. 11-47.

CARVALHAL, Juliana Pinto. Maurice Halbwachs e a questão da memória. **Revista Espaço Acadêmico**. Nº 56, Janeiro 2006, Mensal, ISSN 1519.6186, Ano V. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/056/56carvalhal.htm>>. Acesso em 20 de agosto de 2014.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra, Editorial Quarteto, 2001.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. **Revista Fronteiras**. Trad. De André Dioney Fonseca e Eduardo de Melo Salgueiro. Dourados, MS, v. 13, nº 24, jul./dez., 2011, p. 15-29.

DAVID, Priscila. História oral: Metodologia do diálogo. **Revista Patrimônio e Memória**, São Paulo, Editora Unesp, v. 9, nº 1, 2013, p. 157-170.

Dicionário de Filosofia. Disponível em:
http://www.filosofia.com.br/vi_dic.php?palvr=QT. Acesso em 15 de julho de 2014.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Revista Educar**, Curitiba: Editora UFPR, n. 24, 2004, p. 213-225.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade média:** nascimento do ocidente. – 2. ed. rev. e ampl. – São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 2001, p. 138.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Revista Paidéia**, 2004, 14 (28), p. 139-152.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 43-52.

KESSEL, Zilda. Memória e memória coletiva. São Paulo: **Museu da Pessoa**, 2003. Disponível em:
http://politicasulturais.files.wordpress.com/2009/05/zilda_kessel_memoria_e_memoria_colletiva.pdf. Acesso em 21 de agosto de 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. de Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1990, pág 423.

LEAL, Luana Aparecida Matos. Memória, rememoração e lembrança em Maurice Halbwachs. **Revista Linguasagem**. Universidade Federal de São Carlos, nº 18, 2012/1. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/045.pdf> Acesso em 22 de outubro de 2014.

LEMOS, Carlos A. C. Dos artefatos. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 11-23.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral:** como fazer, como pensar. 2. ed., São Paulo, SP: Editora Contexto, 2010.

MENESES, José Newton Coelho. Apresentação. In: Dossiê - Elementos materiais da cultura e patrimônio. **Revista Varia história**, Belo Horizonte, v. 27, n. 46, Dec. 2011.

MITHEN, Steven. O big bang da cultura humana: as origens da arte e da religião. In: **A pré-história da mente:** Uma busca das origens da arte, da religião e da ciência. Trad. Laura Cardellini Barbosa de Oliveira. – São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 247-301.

MOLES, Abraham. **Teoria dos objetos.** Trad. Luiza Lobo – Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1921.

NOGUEIRA, Sandra. **Cultura material:** a emoção e o prazer de criar, sentir e entender objectos. **Ciudad virtual de Antropología y Arqueología**, 2002. Disponível em: <http://www.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/sandra_nogueira.htm>. Acesso em 22 de agosto de 2014.

PESAVENTO, Sandra. Mudanças epistemológicas: A entrada em cena de um novo olhar. In: **História & História Cultural**. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 39-62.

ROCHE, Daniel. Introdução: Cultura e civilização material. In: **História das coisas banais:** Nascimento do consumo século XVII – XIX. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000, p. 11-21.

RODRIGUES, Donizete. Património cultural, memória social e identidade: Uma abordagem antropológica. **Revista Online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior**, Lisboa, nº 01, 2013, p. 1-8. Disponível em <<http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/artigos.html>>. Acesso em 08 de outubro de 2014.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. Acerca do conceito de representação. **Revista de Teoria da História**, Universidade Federal de Goiás, ano 03, nº 6., dez/2011. Disponível em: <<http://revistadeteoria.historia.ufg.br/up/114/o/Artigo%202,%20SANTOS.pdf?1325192377>>. Acesso em 22 de outubro de 2014.

SANTOS, Márcia Pereira dos. O sensível acesso ao passado: a memória e o esquecimento. In: **ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, Fortaleza, 2009. Disponível

em:<<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0480.pdf>> Acesso em 08 de outubro de 2014.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006. – Coleção primeiros passos; 110, 12^a reimpressão da 16^a edição de 1996.

SELAU, Mauricio da Silva. História oral: uma metodologia para o trabalho com fontes orais. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 11, n. 11, 2004.

SILVA, Luzimeire Lima da. A questão da memória individual em Retahílas. In: **Congresso Brasileiro de hispanistas**. Universidade de Santo Amaro, São Paulo, SP, 2., 2002.

Disponível em:

<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000012002002000023&lng=en&nrm=abn>. Acesso em 20 de agosto de 2014.

STALLYBRASS, Peter. A vida social das coisas: roupas, memória, dor. In: **O casaco de Marx**. Trad. de Tomaz Tadeu. – 3. edição – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

ANEXO A – Autorização de Daniele Tramanzoli.**CARTA DE AUTORIZAÇÃO**

Eu, Daniele Tramanzoli Coelho Nezera, inscrito no CPF sob o nº 016.885.230-65, autorizo Debora Noemi Pereira Pereira, inscrita no CPF sob o nº 03120603007, a registrar e utilizar meus dados em entrevista gravada em áudio, em sua pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História, pela UNIPAMPA/Jaguarão.

Santana do Livramento/RS, 02 de janeiro de 2015.

Daniele Tramanzoli Coelho Nezera
(Assinatura)

ANEXO B – Autorização de Rosana Serpa.**CARTA DE AUTORIZAÇÃO**

Eu, Rosana Ramos Serpa, inscrito no CPF sob o nº 00129248061, autorizo Debora Noemí Pereira Pereira, inscrita no CPF sob o nº 03120603007, a registrar e utilizar meus dados em entrevista gravada em áudio, em sua pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História, pela UNIPAMPA/Jaguarão.

Santana do Livramento/RS, 02 de janeiro de 2015.



(Assinatura)

ANEXO C – Autorização de Zilma Martins.**CARTA DE AUTORIZAÇÃO**

Eu, _____, inscrito no CPF sob o nº _____, autorizo Debora Noemi Pereira Pereira, inscrita no CPF sob o nº 03120603007, a registrar e utilizar meus dados em entrevista gravada em áudio, em sua pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História, pela UNIPAMPA/Jaguarão.

Jaguarão/RS, __ de dezembro de 2014.

(Assinatura)

ANEXO D – Roteiro das entrevistas

1. Nome:
2. Idade:
3. Origem:
4. Achas que é possível um objeto representar alguém?
5. Qual é a tua percepção de memória?
6. Achas que a memória pode ter relação com os objetos?
7. Tu consideras os objetos importantes na vida das pessoas?
8. Nos campos de concentração nazista, eram tirados dos judeus todos os objetos pessoais, as coisas que os caracterizavam como humanos... Para então juntá-los e vesti-los conforme um padrão, onde se tornariam somente números e não mais homens e mulheres, cidadãos... Achas que os objetos “humanizam” as pessoas? No caráter de transformar elas em humanas?
9. Tu tens objetos que sejam unicamente teus e que possivelmente te lembrem aos familiares?
10. E tu achas que além dos objetos materiais, há formas de se lembrar de alguém ausente?
11. Que objetos tu escolheu para falar?
12. Quando aproximadamente tu perdeste essas pessoas?
13. Que relação tu tinhas com os donos das peças?
14. Eles usavam muito tais objetos?
15. E qual a relação que tu manténs atualmente com esses objetos?
16. Onde tu manténs eles?
17. Tu preferes guardá-los pela memória ou usá-los pela memória?
18. Possui mais objetos que lembrem eles? Porque os guarda?
19. Acha que algum objeto herdado pode se tornar patrimônio familiar?